

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 2 • OUTUBRO 92

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*

J. Ma. Ga. GOMEZ-HERAS - *La Naturaleza Reanimada - Del Desencantamiento del Mundo en la Racionalidad tecnológica al Reencantamiento de la Vida en la Utopia ecológica*

AMÂNDIO A. COXITO - *Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa - Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Joaquim de Carvalho e Espinosa - O Acordo de Intenções no Campo político-religioso*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica Comunicacional no Ensino-Aprendizagem da Filosofia*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand*

Licenciado em Filosofia, que leccionou no ensino secundário durante vários anos, o autor especializou-se depois na área da Psicopedagogia, estando diariamente em contacto, teórico e prático, com os respectivos problemas. Daí que esta obra não seja o resultado de uma qualquer "congeminação abstracta", e nem mesmo uma simples (ainda que excelente) tese de doutoramento. Ela é antes o fruto, maduro, de parte de uma vida apaixonada por estas questões.

J. A. Encarnação Reis

HARRIS, J. F. (Ed.): *Logic, God and Metaphysics*. (Dordrecht /Boston/ London, Kluwer Academic Publishers, 1992) IX+151 pp.

A recepção do pensamento de A. N. Whitehead no continente europeu tem-se limitado a um conjunto muito limitado de investigadores embora esteja a aumentar o número de publicações sobre a filosofia do processo na Alemanha. Contudo, é, de facto, nos EUA que floresce uma teologia do processo bem como uma certa tradição de estudos sobre Whitehead. O livro que J. F. Harris edita inclui um conjunto de dez ensaios publicados pelo Grupo Kluwer como homenagem a Bowman L. Clarke, professor universitário que se distinguiu nas áreas da filosofia da religião, do estudo da filosofia de Whitehead e do "cálculo de indivíduos". Por isso, os ensaios aqui reunidos reflectem precisamente sobre estes três centros de interesse do homenageado e sua interpenetração. Daí, a justificação do título *Lógica, Deus, e Metafísica*.

Charles Hartshorne partilha com Bowman Clarke o interesse pelos grupos temáticos para que aponta o título deste volume. Contudo, divergem profundamente quer ao nível da construção sistemática quer no domínio da reconstrução interpretativa das teses fundamentais de Whitehead. Divergência que é explorada por Lewis S. Ford e confrontada com as interpretações de John Cobb, Jr. e William Christian em torno da problemática da concrecência divina (19-37). Trata-se de um tema complexo que envolve a difícil reflexão sobre o tempo e, muito particularmente, a análise da teoria do tempo desenvolvida por Whitehead como possível resposta à célebre distinção de dois tipos de tempo (a série-A e a série-B baseada em relações de antes e depois) feita por J. M. E. Mc Taggart.

Rem B. Edwards retoma as divergências de fundo em torno das noções básicas de "Processo e Deus" (41-57). Referindo-se a um estudo de Bowman Clarke em que este argumenta convincentemente que, apesar de Hartshorne defender a tese de que todas as preensões implicam uma causalidade eficiente, Whitehead distinguiu claramente entre dois tipos de preensões, causais e presentacionais (54), R. E. Edwards conclui: "Clarke convenceu-me de que Whitehead acreditava na existência de preensões físicas não-causais de actualidades concretas. Não me convenceu de que tais preensões não-causais existem realmente" (55).

John T. Dunlop analisa outro tema sobre o qual Clarke e Hartshorne divergem: o argumento ontológico (99-109). Neste ensaio de Dunlap, mais interessante do que a exegese das posições dos dois autores citados, é a análise das dificuldades comuns a ambos face a qualquer interpretação standard da lógica modal quer se trata do sistema T de Von Wright ou dos sistemas S4 e S5 de Lewis (104-108). A única saída possível seria optar por um sistema modal não-standard sabendo de antemão que estes sistemas são fracos. A posição de Hartshorne que pretende manter a validade do argumento independentemente de qualquer sistema formal, parece claramente insustentável.

James Harris, no estudo "Deus, eternalidade e a visão de parte nenhuma", examina alguns dos problemas relacionados com o atributo clássico da etern(al)idade divina desde a concepção judaico-cristã e o Primeiro Movente de Aristóteles até às concepções mais características da Modernidade com realce para os autores da tradição anglo-americana. Mas o objectivo principal de Harris é a avaliação da resposta whiteheadiana ao dilema do Movente Imóvel resultante da adopção por Tomás de Aquino da argumentação aristotélica para justificar a existência do Movente Imóvel (73-86). Mais uma vez, tudo passa por uma reflexão sobre essa dimensão central e extremamente difícil de articular que é a temporalidade.

Eugene Thomas Long aborda a questão do "pluralismo religioso e do fundamento da fé religiosa" (87-97) a partir de um posição que se inspira no pensamento de Heidegger e de John Macquarrie (88). Trata-se, portanto de um estudo que não se insere na tradição de que se reclama B. Clarke e a maior parte dos colaboradores deste volume. É, sem dúvida, um dos estudos mais interessantes deste conjunto e que nos leva a uma questão que o leitor se pode colocar: qual dos quadros de referência, o heideggeriano ou o whiteheadiano, preferir? Evidentemente, que esta pergunta pressupõe um mínimo de abertura no horizonte de reflexão do leitor e uma reflexão minimamente estruturada a um nível meta-filosófico.

Lucio Chiaraviglio escreve a partir de um contexto das ciências da computação e da informação sobre "alguns problemas novos para a especulação construtiva" defendendo a prioridade da metáfora do processamento da informação sobre a velha metáfora da representação ou da figuração (111-119).

Lance Factor, no estudo "Regiões, limites e pontos" analisa criticamente a versão do cálculo dos indivíduos desenvolvida por B. Clarke focando a sua atenção sobre as consequências da substituição da noção primitiva de "overlap" de Goodman pela noção whiteheadiana de "conexão" (121-131). L. Factor sublinha a importância do trabalho de Clarke neste domínio uma vez que Whitehead não desenvolveu uma topologia nem dispunha de qualquer cálculo dos indivíduos. Na IV Parte de *Processo e Realidade*, tudo o que se pode encontrar é um conjunto de definições e construções parciais bem como algumas sugestões. Daí a importância dos estudos de Clarke no desenvolvimento de um projecto de inspiração whiteheadiana.

O último ensaio, de Bowman L. Clarke inclui a sua resposta a algumas das críticas à sua obra formuladas pelos colaboradores deste volume bem como a sua reflexão sobre os aspectos principais da interpretação do pensamento de Whitehead que ainda requerem um esforço por parte daqueles que se interessam por este tipo de filosofia (131-149). De facto, todos estes ensaios podem servir como exemplo de um modo peculiar de fazer filosofia que não é certamente o modelo dominante mas que é adoptado por um grupo minoritário da comunidade filosófica americana. Caracteriza-se, por um lado, pela referência nuclear à obra de Whitehead e, por outro, pelo desenvolvimento de instrumentos de análise lógica e rigorosa dos construtos teóricos.

Não é de forma nenhuma um livro adequado a uma introdução ao labirinto da filosofia do processo mas pode ser interessante para quem já possui uma boa formação e informação filosófica e quiser explorar novos caminhos, confrontar pontos de vista diferentes, por à prova a autenticidade do seu pluralismo e tolerância. Aliás, este parece ser o espírito que anima a colecção publicada pelo Grupo Kluwer em que se insere este volume.

António Manuel Martins